A RUPTURA DO PROCESSO ENSINO-APRENDIZAGEM DE LÍNGUA PORTUGUESA NO 6º ANO: UMA EXPERIÊNCIA DE SALA DE AULA

Luciane Zaida F. da S. Viana (UEMS)
lucianezaida@gmail.com
Eliane Maria de Oliveira Giacon (UEMS)
giaconeliane@uems.br

RESUMO

Este artigo tem como objetivo pesquisar as razões da descontinuação do processo de ensino-aprendizagem de língua portuguesa na passagem dos estudantes do 5º para o 6º ano do ensino fundamental. A pesquisa tem o intuito de contribuir para a melhoria da qualidade do ensino na rede pública, bem como dará maior destaque ao trabalho didático-pedagógico dos gêneros textuais dos textos jornalísticos. Pois, dentre os problemas presentes no sistema educacional brasileiro ainda existem crianças, que entram na referida série não dominando as habilidades de leitura e escrita como deveriam, considerando-se os requisitos previstos para o ingresso nesta série. Dessa forma busca-se identificar as dificuldades da abordagem do ponto de vista dos gêneros textuais do texto jornalístico. Mas, o certo é que até agora essa ruptura traz inquietação ao ver os alunos, quase adolescentes, inseguros, principalmente, quando se insere a diversidade de gêneros às práticas de leitura, interpretação, produção de textos, oralidade, análise e reflexão linguística. Essa análise será realizada em uma turma de 6º ano, a fim de elaborar uma proposta de ensino, que possa apontar possíveis caminhos ou até mesmo uma metodologia de trabalho.

Palavras-chave: Ensino. Língua portuguesa. Ruptura. Experiência.

1. Introdução

Esta pesquisa surgiu da percepção do processo ensino-aprendizagem na passagem do 1º nível (1º ao 5º ano) para o 2º nível (6º ao 9º ano) do ensino fundamental, analisando-se a dificuldade dos alunos nesta passagem, quando lecionava língua portuguesa somente para o 6º ano, em que era nítida a dificuldade dos alunos nesta travessia, pois dentre os

problemas presentes no sistema educacional brasileiro ainda existem crianças, que chegam à referida série não dominando as habilidades de leitura e escrita como deveriam, se considerarmos os requisitos previstos para o ingresso nesta série.

Esta transição preocupa e requer investigação, porque em primeiro lugar constitui-se na passagem da infância para a pré-adolescência. Em segundo lugar, porque a mudança do 1º nível para o 2º do ensino fundamental deveria ser mais estudada pelos pesquisadores educacionais, uma vez que o 6º ano é uma série de mudanças na grade curricular, e, principalmente, devido às metas a serem atingidas buscarem sempre a qualidade no oferecimento do ensino com políticas públicas de desenvolvimento para a educação brasileira, que pretende atingir por volta de 2021 índices de proficiência em leitura e interpretação de textos dos países desenvolvidos.

Além disso, este ano de transição demonstra que falta uma continuidade entre os anos iniciais e finais do ensino fundamental, que apesar de compreender nove anos atualmente, ainda apresenta uma organização muito distinta, já que nos anos iniciais os alunos contam apenas com um professor regente de turma, sendo que nos anos finais há vários professores regentes dos diversos componentes curriculares com uma distinta formação e cada um na sua área de atuação.

Dessa forma busca-se identificar as dificuldades encontradas pelos estudantes do 6º ano frente aos desafios desta nova série e, pesquisar como se dá a aprendizagem dos gêneros textuais a partir deste ano, visto que estão sendo ensinados desde o início dos anos iniciais.

O certo é que até agora essa ruptura nos traz uma inquietação ao ver os “pequenos”, quase adolescentes, inseguros, principalmente, quando se intensifica a diversidade de gêneros textuais às práticas de leitura, interpretação, produção de textos, oralidade, análise e reflexão linguística durante o ano letivo. Por isso, esta análise será realizada com a turma do 6º ano, a fim de elaborar uma proposta de ensino, que possa superar essa fase de transição na aprendizagem dos conteúdos previstos, sendo necessário salientar que o texto é o eixo principal de todo trabalho didático-pedagógico do ensino fundamental.

2. *Questões a serem discutidas*

Esta pesquisa tem o intuito de contribuir para a melhoria da qualidade do ensino na rede pública, bem como dará maior destaque ao trabalho didático-pedagógico dos gêneros textuais do texto jornalístico e se fundamenta na questão de investigar as dificuldades encontradas na passagem do 5º para o 6º ano, dessa forma propor uma metodologia possível para minimizar os problemas que afligem professores e alunos.

Em 1998 ocorreu a implantação dos Par*âmetros Curriculares Na*cionais, que se constituíram na inovação de uma visão de novos rumos proficientes para a educação brasileira. Mas, apesar de todos os esforços para tornar o sistema educacional mais eficiente e satisfatório, ainda há muito a ser feito, pois pouca pesquisa há para os anos finais (6º ao 9º ano) exceto quanto à formação de docentes, uma vez que a grande preocupação do MEC tem sido em torno dos anos iniciais (1º ao 5º ano) do ensino fundamental, destinado principalmente à alfabetização, fato justificado inclusive nos PCN de língua portuguesa (1998, p. 17), que esclarecem:

> O ensino de língua portuguesa tem sido, desde os anos 70, o centro da discussão acerca da necessidade de melhorar a qualidade de ensino no país. O eixo dessa discussão no ensino fundamental centra-se, principalmente, no domínio da leitura e da escrita pelos alunos, responsável pelo fracasso escolar que se expressa com clareza nos dois funis em que se concentra a maior parte da repetência: na primeira série (ou nas duas primeiras) e na quinta série. No primeiro, pela dificuldade de alfabetizar; no segundo, por não se conseguir levar os alunos ao uso apropriado de padrões da linguagem escrita, condição primordial para que continuem a progredir.

Ao identificar estas duas dificuldades expressas no maior documento conhecido como referencial de qualidade para educação no ensino fundamental, os PCN, escrito e distribuído em todo país aos professores da educação básica em 1999, para alcançar metas do tão esperado alvo do Plano de Desenvolvimento da Educação (PDE), programa criado para realizar melhorias na qualidade do ensino brasileiro. Em tal contexto, cabe determinar que esta pesquisa volta-se para a segunda dificuldade situada no 6º ano, que busca encontrar formas e métodos eficazes para os professores encontrarem novos caminhos quanto ao ensino do uso adequado das normas da língua portuguesa, porque ainda há poucas práticas efetivas de pesquisas voltadas a essa fase da escolarização.

No que se refere aos estudos e pesquisas voltados para o 2º nível (6º ao 9ºano) do ensino fundamental parece que durante alguns anos fi-

cou esquecido pelo governo, que mesmo estando associado e incluído no ensino fundamental, mais se assemelha ao ensino médio (15 aos 17 anos). Daí a importância deste estudo estar voltado para suas características próprias da faixa etária compreendida entre 11 a 14 anos de idade. Pois os estudantes vivenciam a adolescência, fase desafiadora para qualquer pessoa por apresentar mudanças físicas e emocionais importantes, que deveriam ser revistas nas pesquisas, de modo a atender a esta clientela tão necessitada e esquecida, e, às vezes, comprimida e achatada entre os anos inicias e o médio, uma vez que está garantido a todos os brasileiros o direito a uma educação de boa qualidade.

Cabe citar o que diz o PCN de língua portuguesa (1998, p. 45) sobre este assunto:

> Pensar sobre o ensino de língua portuguesa no terceiro e no quarto ciclo requer a compreensão da adolescência como o período da vida explicitamente marcado por transformações que ocorrem em várias dimensões: sociocultural, afetivo-emocional, cognitiva e corporal. Requer esforço de articulação dos aspectos envolvidos nesse processo, considerando as características do objeto de conhecimento em questão. As práticas sociais da linguagem, em situações didáticas que possam contribuir para a formação do sujeito.

Diante dessa constatação, é possível afirmar que mesmo após o lançamento deste documento oficial, ainda hoje ocorre esta dificuldade na caminhada de desenvolvimento do processo ensino-aprendizagem dos aprendizes que ingressam no 6º ano, pois na maioria das vezes a escrita não avança como deveria e o que fazer? o que dizer da leitura, se alguns alunos ainda não estão devidamente alfabetizados? Como prosseguir com a ementa de conteúdo do referencial curricular previsto para ser cumprido nesta série?

Nesse percurso de indagações a respeito do problema em questão, buscam-se por meio desta pesquisa algumas respostas e sugestões para tratar tais aflições durante as aulas do 6º ano. Dessa forma continuamos a perguntar:

Se todo trabalho didático-pedagógico reúne os conteúdos procedentes do texto oral ou escrito tendo como unidade básica de sentido: o texto e constituindo o gênero, como objeto de estudo de todo ensino-aprendizagem dos nove anos do ensino fundamental, conforme prevê os parâmetros curriculares nacionais. Então, por que os alunos não conseguem aprender facilmente com a dinâmica dos gêneros? O que acontece quando se deparam com uma gama de diferentes textos para dar conti-

nuidade ao seu aprendizado, se durante os anos iniciais o professor já trabalha com os gêneros?

A problemática se resume nas seguintes indagações: o que é gênero? Quantos e quais são os gêneros? Com que gêneros se deve trabalhar no ensino de português no 6º ano? Como ensinar tomando como diretriz os gêneros? E decorrente destas questões obedecendo às leis contidas na LDB e aos PCN, devemos propor a análise destes questionamentos para viabilizar possíveis soluções para este problema.

Tendo em vista que os alunos estão chegando ao 6º ano bem no início da segunda etapa do ensino fundamental, pressupõe-se que eles já estão alfabetizados e aptos a continuar a desenvolver as habilidades de leitura e escrita, para que continuem a ampliar e aprofundar seus conhecimentos.

3. Fundamentação teórica

Esta pesquisa se fundamenta na questão de investigar as dificuldades encontradas na passagem dos ciclos do fundamental I para o II e dessa forma propor uma metodologia possível para minimizar os problemas que afligem professores e alunos.

Conforme Patrícia Ribas escreveu sobre este assunto na *Revista Educação* (2013, p. 36):

> Transição, mudança, quebra. Palavras que vêm à tona quando se trata de descrever a passagem dos estudantes brasileiros do ensino fundamental I – do 1º ao 5º ano – para o fundamental II – do 6º ao 9º ano. A introdução das crianças em um novo tipo de organização didática, com os conteúdos sendo divididos em disciplinas separadas, a cargo de diferentes professores, é por si só um desafio pedagógico. Alguns dados mostram que esse desafio tem aberto uma cratera no desempenho desses alunos – cerca de 30 milhões de crianças e adolescentes entre 6 e 14 anos, que compõem o universo do ensino fundamental no Brasil, segundo dados do censo escolar de 2012. [...]

Em entrevista para a mesma revista, é possível ver que Ocimar Alavarse da Faculdade de Educação da USP (2013, p. 38) afirma:

> [...] duas hipóteses podem explicar a diferença de desempenho entre as duas fases do Fundamental: a mudança de sistema de professor polivalente do ciclo I para os diversos professores especialistas do II e a mudança de foco na aprendizagem para a valorização das disciplinas. "Na segunda fase, os professores tendem a se ater mais a seu conteúdo básico, deixando em segundo plano competências como leitura, interpretação de texto, resolução de problemas e lógica, comenta.

Também se destaca o que disse Magda Soares, UFMG (2013, p. 38) sobre o mesmo assunto:

> [...] essa mudança de organização curricular e de distribuição do tempo entre os dois segmentos do ensino fundamental, feita quase sempre de maneira abrupta, é uma das principais causas da diferença de rendimento dos alunos entre os ciclos. Passam de um currículo integrado dos conteúdos a um currículo compartimentado; de um tempo frouxamente fragmentado a um tempo rigidamente dividido por diferentes conteúdos, desenvolvidos de forma independente e desconectada. Como consequência os processos de aprendizagem sofrem uma ruptura.

Diante de tais evidências justifica-se a execução desta pesquisa, em relação à ruptura no 6º ano do ensino fundamental II, que visa a investigar as causas e possíveis estratégias metodológicas para minimizá-las nesta série em estudo. Mas, não se pode esquecer de que o texto é o eixo principal de todo ensino do componente curricular de língua portuguesa e é assim definido nos *Parâmetros Curriculares Nacionais* (1998, p. 23) como:

> Nessa perspectiva, não é possível tomar como unidades básicas do processo de ensino as que decorrem de uma análise de estratos, letras/fonemas, sílabas, palavras, sintagmas, frases, que, descontextualizados, são normalmente tomados como exemplos de estudo gramatical e pouco têm a ver com a competência discursiva. Dentro desse marco, a unidade básica do ensino só pode ser o texto.
>
> Os textos organizam-se sempre dentro de certas restrições de natureza temática, composicional e estilística, que os caracterizam como pertencentes a este ou aquele gênero. Desse modo, a noção de gênero, constitutiva do texto, precisa ser tomada como objeto de ensino.
>
> Nessa perspectiva, necessário contemplar, nas atividades de ensino, a diversidade de textos e gêneros, e não apenas em função de sua relevância social, mas também pelo fato de que textos pertencentes a diferentes gêneros são organizados de diferentes formas.

Nesta visão está centrada toda esta pesquisa, uma vez que ao tomar o texto como unidade básica de ensino, é possível planejar e articular vários procedimentos didáticos em torno da diversidade de gêneros textuais existentes, pois não há como considerar partes de uma palavra, letra, sílaba como unidade de sentido, que venha de forma isolada transmitir alguma mensagem ao leitor. É preciso ter coerência e coesão entre as partes do texto de modo que qualquer usuário da língua possa compreendê-lo.

Bortone (2008, p. 40) reforça a importância de desenvolver habilidade leitora, pois:

> É fundamental que nós, cidadãos de uma sociedade tecnológica e letrada, incorporemos as práticas de letramento em nosso cotidiano. Há uma nova realidade social, na qual não basta ler e escrever. É preciso saber responder às exigências de leitura e escrita que a sociedade moderna nos faz a todo momento. É importante que possamos ler tudo o que está a nossa volta, e o professor tem um papel fundamental nesse processo:
>
> É preciso levar nossos alunos a lerem o mundo, o filme, a música, a notícia, o gráfico, o e-mail, o discurso político, as entrelinhas, a obra de arte...enfim, é fundamental que possamos ler todo e qualquer texto escrito, visual e auditivo. [...]
>
> Portanto, quanto maior a interação do leitor com o texto, quanto mais desenvolvida for a sua habilidade de leitura, melhor será sua produção textual, a organização de suas ideias, seu desenvolvimento do texto, a revisão e a reescrita.

De acordo com esta perspectiva, o estudo buscará encontrar meios estratégicos para oferecer aos alunos condições para desenvolver habilidades de leitura eficazes na tentativa de minimizar os entraves, que ainda permeiam esta fase de transição, que se afunila no 6º ano com um currículo mais rígido com professores especialistas para todas as áreas do ensino. Com isso será necessário planejar atividades que visem atender a clientela de alunos da referida série.

Sabe-se que a aprendizagem da leitura e da escrita consiste em um dos grandes pilares da formação escolar de todo cidadão ao entrar na escola, mas também envolve a maior parte dos problemas da educação básica brasileira. Todavia, pode-se pensar ainda o quanto tem avançado o ensino da língua materna no Brasil, quando não se deixa ser apenas reduzida ao ensino de gramática.

Nesse momento convém citar (MARCUSCHI, 2008, p. 153) ao apontar algumas possibilidades para o estudo dos gêneros:

> A perspectiva interacionista e sociodiscursiva de caráter psicolinguístico e atenção didática voltada para língua materna (Bronckart, Dotz, Schneuwly): com vinculação psicológica (influências de Bakhtin e Vygotsky) estão preocupados em particular com o ensino dos gêneros na língua materna. Preocupação maior com o ensino fundamental e tanto com a oralidade como a escrita. A perspectiva geral é de caráter psicolinguístico ligado ao sociointeracionismo.

Em consonância com estas afirmações, verifica-se também que Magda Soares, na introdução do *Dicionário de Gêneros*, de Costa (2009, p. 8) diz a respeito:

> Assim, embora o conceito e a prática de gêneros textuais e discursivos venham sendo incluídos em diretrizes curriculares e programas de ensino, é

> ainda uma lacuna na formação dos professores a compreensão desse conceito e a orientação para o trabalho adequado com gêneros no ensino da língua. Vêm daí as mencionadas dúvidas teóricas e pragmáticas: o que é gênero? quantos e quais são os gêneros? com que gêneros se deve trabalhar no ensino de português? como ensinar tomando como diretriz os gêneros?

Esse avanço permitiu adequar à realidade didática do ensino de língua materna no Brasil juntamente com outros países, quanto ao surgimento das novas teorias no campo da linguagem, que a partir da década de 90, final do século passado deixa de ser estudada apenas pela linguística e avança seus estudos para pragmática com Bakhtin, importante estudioso da Teoria do discurso, principalmente quanto à importância atribuída aos gêneros discursivos ou textuais, que foram incorporados ao ensino de linguagem.

Segundo afirma Bortoni-Ricardo (2013, p. 128 e 129) no 7º trabalho de Hércules do oral para o escrito, no qual aponta que há pouca ênfase no reforço de habilidades letradas em que mostra a aprendizagem na escola passando por uma perspectiva interativa do professor com o aluno e vice-versa para ampliar o letramento da turma, mas deverá ser iniciado no momento do planejamento, quando o professor tem a chance de avaliar o processo de ensino e aprendizagem de seus alunos, para que ele realmente aprenda. Por isso a autora afirma:

> O foco da questão no momento do planejamento é identificar textos significativos para o aluno e para sua comunidade; considerar o aluno como sujeito portador de discurso, portador de texto, que participa de eventos de letramento, realiza práticas que dependem da língua, mesmo antes de entrar na escola.
>
> Um evento de letramento (atividade que envolve o uso da língua escrita) não se diferencia de outras atividades da vida social.

Nessa perspectiva, Barbato (2008, p. 32) declara que:

> Estamos na tensão entre o que se espera atingir como professor e o que é feito pela criança, entre o currículo, os conhecimentos e habilidades a serem desenvolvidos e as tradições e crenças sobre como ensinar, como se aprende a ler e escrever e para que servem a leitura e a escrita. Essa tensão direciona o planejamento e andamento das aulas para que haja condições de o aluno desencadear novas zonas de desenvolvimento proximal, sendo ativo na construção do conhecimento.
>
> Então, ao mesmo tempo em que a escola é parte da sociedade, o professor quando está em sala de aula, não deixa de ser um cidadão que utiliza a leitura e a escrita em diferentes situações sociocomunicativas. [...]

Diante dessa tensão vivida pelo professor sobre como ensinar este ou aquele conteúdo, o que mais importa é a construção do conhecimento

do aluno, que se o educador considerar realmente a vasta diversidade de gêneros presentes na sociedade em que vive, então poderá certamente oferecer a seus alunos novas estratégias de aprendizagem, de tal forma que ensine a ler e escrever de modo mais fácil e espontâneo. Mas, isto só seria possível quando os alunos fossem estimulados com eventos de letramento dos quais os aprendizes estão rotineiramente acostumados. Esses eventos vão desde um folheto explicativo de maquiagem ao informativo de combate à dengue.

Desse modo sugere-se nesta pesquisa uma proposta de apoio didático-pedagógico de acordo com Bortone (2008, p. 120 e 121) ao realizar uma reflexão a respeito do trabalho com jornal em sala de aula afirma:

> O professor que trabalha constantemente com o jornal em sala de aula e não apenas eventualmente necessita de objetivos e de planejamento coerentes com o processo de aprendizagem das crianças. Isso se justifica diante da possibilidade de o jornal vir a ser um instrumento de reflexão e de ensino da leitura e escrita reflexiva desde a mais tenra idade, desde a educação infantil.
>
> O trabalho com jornal em sala de aula nos dias de hoje é uma ferramenta fundamental para o desenvolvimento da visão crítica do aluno/leitor. Para isso, as classes do 6º ao 9º ano precisam estar equipadas e preparadas para que o jornal ocupe de uma vez por todas um espaço significativo na sala de aula e nas atividades curriculares desenvolvidas por diferentes disciplinas e áreas do conhecimento.

Por isso escolhe-se trabalhar com a produção de jornal em sala de aula para possivelmente analisar sua aplicação exitosa no 6º ano em estudo. Para a execução desta pesquisa faz-se necessário elencar alguns objetivos, sendo um geral e alguns específicos que deverão ser cumpridos durante o segundo semestre de 2014, a fim de que esta investigação seja satisfatória.

O objetivo geral consiste em analisar as causas do rompimento do processo de ensino-aprendizagem de língua portuguesa na passagem do 5º para o 6º ano do ensino fundamental. Todavia, os objetivos específicos constituem-se em evidenciar as causas da ruptura do aprendizado da língua materna na passagem dos alunos para o 6º ano, bem como elaborar material didático inovador que sirva de recurso apropriado para propor pistas de trabalho para amenizar as dificuldades encontradas no 6º ano, podendo ou não ser tecnológico, mas eficiente.

O método utilizado neste trabalho visa levar ao conhecimento do leitor uma investigação a ser realizada e classificada como exploratória, pois analisará as hipóteses (causas) levantadas a respeito de como acon-

tece a ruptura do processo ensino-aprendizagem no 6º ano do ensino fundamental. Desse modo pretende-se verificar o estudo dos gêneros textuais, ao ser realizada uma produção de jornal escolar mediante uma abordagem dos gêneros do texto jornalístico, que compreendem: a notícia, entrevista, reportagem, editorial, artigo, charge, tira e classificados.

Na prática de produção de textos escritos pretende-se elaborar um jornal escolar na sala de informática da escola, com aulas previamente agendadas e planejadas, inclusive, a turma redigirá os textos em duplas de trabalho, conforme disposto no mapa desta sala ou a critério da professora ou a pedido da turma durante o segundo semestre de 2014.

Ao final desta pesquisa espera-se analisar os dados, ao apontar o que poderia ser melhorado nas práticas de ensino do português para tornar esta fase de transição menos tensa e desafiadora, em que consistirá na análise da produção do jornal escolar e ao término será exposto como sugestão de material de apoio pedagógico (acompanhado de manual de análise) visto que a estratégia mostra o suporte jornal, veículo de comunicação e circulação em massa, mas o tema pode variar de acordo com as expectativas de cada turma, sendo contempladas todas as práticas de ensino.

4. Resultados a serem alcançados

Espera-se que esta investigação contribua para o pleno desenvolvimento integral do aprendiz, que se constrói dialogando com sua cultura, num processo ativo, a fim de formar o futuro leitor/escritor em busca de uma aprendizagem significativa.

Realmente, nos dias atuais vivencia-se os grandes avanços tecnológicos e não há como se desvencilhar deles, pois as crianças e os adolescentes, chamados nativos digitais numa sociedade letrada, necessitam que o professor planeje suas aulas, de modo a contemplar práticas variadas. Ao valorizar o conhecimento letrado que seu aluno já traz de casa, da comunidade, visto que as práticas de leitura e escrita são atividades interativas, porque ao realizá-las necessitamos de um interlocutor, quer seja ele ouvinte ou leitor não importa qual seja o suporte (livros, revistas, jornais, dentre outros) para que se estabeleça a comunicação.

Portanto, ao dar condições para que os aprendizes possam ir além das leituras de dentro dos muros da escola e leiam o mundo, é necessário continuar o processo de descobertas em prol de uma qualidade real de

ensino de língua materna, quando se utilizam os diversos textos de gêneros que circulam na sociedade por meio de práticas sociais), que poderão sim contribuir para o avanço da escrita efetiva dos alunos de 6º ano na construção de seu aprendizado.

Por isso, o presente trabalho não criará nenhuma fórmula mágica para sanar esta fase de rompimento, mas poderemos ao fim da pesquisa apontar possíveis caminhos ou até mesmo propor uma metodologia de trabalho, que venha contribuir para minimizar essa lacuna existente nesse ano de transição.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANTUNES, Irandé. *Aula de português*. 8. ed. São Paulo: Parábola, 2003.

_____. *Língua, texto e ensino*: outra escola possível. 1. ed. São Paulo: Parábola, 2009.

BARBATO, Silviane Bonaccorsi. *Integração da criança de 6 anos ao ensino fundamental*, série 2. São Paulo: Parábola, 2008.

BORTONE, Marcia Elizabeth; MARTINS, Cátia R. Braga. *A construção da leitura e escrita do 6º ao 9º ano do ensino fundamental*, série 3. São Paulo: Parábola, 2008.

BORTONI-RICARDO, Stella Maris; MACHADO, Veruska Ribeiro. *Os doze trabalhos de Hércules do oral para o escrito*. São Paulo: Parábola, 2013.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. *Parâmetros curriculares nacionais*: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: língua portuguesa. Brasília: MEC/SEF, 1998.

COSTA, Sérgio Roberto. *Dicionário de gêneros.* 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.

DIONÍSIO, Angela Paiva; MACHADO, Anna Raquel; BEZERRA, Maria Auxiliadora. *Gêneros textuais & ensino.* São Paulo: Parábola, 2010.

KOCH, Ingedore Grunfeld Villaça. *Introdução à linguística textual*. 2. ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2009.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. *Produção textual, análise de gêneros e compreensão*. São Paulo: Parábola, 2008.

PALOMANES, Roza; BRAVIN, Angela Marina. *Práticas de ensino do português.* São Paulo: Contexto, 2012.

REVISTA Educação. São Paulo, ano 17, n. 199, 2013.

SEMED. *Referencial curricular da rede municipal de ensino*, 3º ao 9º ano do ensino fundamental, vol. II, Campo Grande: Prefeitura Municipal de Campo Grande, 2008.